

O advento da modernidade no Brasil e a importação do romance como gênero literário: breve análise de duas obras do século XIX

Karoline Biscardi Santos (UFMG)

1. Modernidade e América Latina

Muito se tem pensado a respeito das peculiaridades inerentes à experiência da modernidade nas sociedades latino-americanas. O processo de modernização latino-americano foi, por muito tempo, visto como deficiente e incompleto, visão esta que foi contestada por propostas como o Indo-Americanismo, em que predomina a idéia de que a história da América Latina teria seu próprio ritmo, não devendo, portanto, ser analisada em paralelo com a história européia.

No entanto, se a experiência da modernidade na América Latina não deve ser julgada em termos de inferioridade em relação a outras sociedades, ela estaria, ainda assim, inegavelmente marcada pelo caráter anti-moderno das nações que a colonizaram e, ao mesmo tempo, pela adoção do discurso “vencedor”, dominante, ainda que este pouco tenha tido a ver com sua realidade concreta. Estes impulsos contrários terão conseqüências cruciais em diversos setores destas sociedades, incluindo, é claro, a literatura. Como veremos, a literatura brasileira não ficou alheia a este processo.

2. O Brasil e o descompasso entre discurso e prática

A experiência da importação de ideologias dominantes encontrou terreno fértil no Brasil, onde o discurso moderno e a prática anti-moderna, embora inconciliáveis no plano das idéias, conviveram sem grandes sobressaltos. Segundo Roberto Schwarz, as elites brasileiras

se queriam parte do Ocidente progressista e culto, naquela altura já francamente burguês (a norma), sem prejuízo de serem, na prática, e com igual autenticidade, membro beneficiário do último ou penúltimo grande sistema escravocrata do Ocidente (a infração). (...) Para quem cuidasse de coerência moral, a contradição seria embaraçosa. Contudo, uma vez que a realidade não obrigava a optar, por que abrir mão de vantagens evidentes?<sup>1</sup>

Assim, a manutenção de estruturas econômicas coloniais e, portanto, anti-modernas, após uma – tímida, é verdade – modernização política, supostamente representada pela Independência, não representou maiores problemas diante da “ambivalência ideológica das elites brasileiras”<sup>2</sup>. Como veremos, esta situação teve conseqüências importantes para a literatura brasileira do século XIX.

A literatura brasileira pós-independência não ficou alheia ao tema – nem à prática – da importação de idéias estrangeiras. A adoção do “discurso da moda” não foi apenas retratada, muitas vezes de forma caricatural, na literatura brasileira do século XIX, mas foi também parte de sua prática, uma vez que o próprio romance é um gênero importado da Europa e que teve sua adequação à sociedade brasileira questionada.

## 2.1. Ascensão do romance na Europa

O romance adquiriu força como gênero literário no século XVII a partir da publicação de D. Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes. Uma de suas inovações mais significativas em relação aos gêneros que o precedem é a escrita em prosa, o que garante maior liberdade formal ao escritor, bem como maior minuciosidade nas descrições, reflexões e divagações a respeito dos mais variados temas. A forma não mais restringe ou limita o pensamento; daí o fato de o romance ter adquirido maior força durante período do Romantismo, em que predominou a escola literária que propunha uma fuga dos padrões clássicos que regiam a produção literária até fins do século XVIII. Como fatores que possibilitaram o

---

<sup>1</sup> SCHWARZ, 2000b, p. 42.

<sup>2</sup> SCHWARZ, 2000b, p. 42.

sucesso do romance nos dias atuais, Yves Reuter aponta, em Introdução à Análise do Romance, “o desenvolvimento da escrita (...), da diversificação de suas funções e da multiplicação dos leitores”, bem como “a unificação lingüística alcançada com o fortalecimento do papel do Estado no século XX.”<sup>3</sup>

O novo gênero também serve perfeitamente à tarefa de representar - e criticar - a nova sociedade que surgia a partir da queda do feudalismo e da monarquia e da ascensão dos ideais democráticos e igualitários propagados pelo Iluminismo. A abolição dos privilégios de berço e o surgimento de uma nova classe social dotada de status e riqueza material - a burguesia -, bem como a crescente modificação do espaço físico, resultante da urbanização, também são características do intenso processo de mudança por que passava a sociedade européia do século XIX. Segundo Antonio Candido, “o romance (...) exprime a realidade segundo um ponto de vista diferente, comparativamente analítico e objetivo, de certa maneira mais adequado às necessidades expressionais do século XIX”<sup>4</sup>. Isso porque o formato do romance possibilitava a abordagem de questões recém-surgidas na Europa, como os problemas sociais e os novos valores decorrentes da transição para a economia capitalista. O romance se firma, assim, como o gênero literário mais produtivo da época.

## 2.2. A importação do romance

As mudanças que se operavam na sociedade européia haviam tido um impacto muito limitado na sociedade brasileira à época da importação do romance. Havia, como já foi dito, um descompasso entre os ideais liberais - também importados da Europa - por aqui propagados e as arcaicas estruturas econômicas e sociais vigentes. Sobre esse desajuste, Antonio Candido afirma que

na sociedade brasileira, até o começo do século XIX, a estratificação simples dos grupos familiares, regidos por padrões uniformes e superpostos à escravaria e aos desclassificados, não propiciava, no

---

<sup>3</sup> REUTER, 2004, p. 5.

<sup>4</sup> CANDIDO, 2000, p. 97.

interior da classe dominante, a multiplicidade das dúvidas e opções morais [de que tratariam os romances].<sup>5</sup>

Daí o “descompasso entre conteúdo e forma” observado por Augusto Meyer nos romances alencarianos.<sup>6</sup>

Antonio Candido atribui as limitações do romance brasileiro à “rede pouco vária de relações sociais”<sup>7</sup> que caracterizava o início da urbanização no Brasil, que coincidiu com a época da importação do gênero romanesco. Ainda segundo Candido, essa falta de variedade impediria qualquer estudo mais profundo das complicações psicológicas surgidas com a nova ordem social. Daí Roberto Schwarz dizer que “a mesma dependência global que nos obriga a pensar em categorias impróprias, nos induzia a uma literatura em que essa impropriedade não tinha como aflorar.”<sup>8</sup>

As diferenças entre a sociedade brasileira e a europeia acabaram por se fazer evidentes nos romances aqui produzidos. Conforme observa Schwarz,

a ninguém constringia freqüentar em pensamento salões e barricadas de Paris. Mas trazer às nossas ruas e salas o cortejo de sublimes viscondessas, arrivistas fulminantes, ladrões ilustrados, ministros epigramáticos, príncipes imbecis, cientistas visionários, ainda que nos chegassem apenas os seus problemas e o seu tom, não combinava bem. Contudo, haveria romance na sua ausência?<sup>9</sup>

Em outras palavras: dependeria o romance dos tipos e temas europeus? Seria possível a sua produção efetiva em uma sociedade carente das tradições, do passado e das transformações sociais europeias?

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda, assim como Octavio Paz, busca na colonização do Brasil a explicação para alguns aspectos da sociedade brasileira da década de 1930, quando a obra foi publicada. Para ele, a importação da cultura europeia é o “fato dominante e mais rico em conseqüências”<sup>10</sup> nas origens

---

<sup>5</sup> Idem, p. 98.

<sup>6</sup> MEYER, 1986, p. 301.

<sup>7</sup> CANDIDO, 2000, p. 100.

<sup>8</sup> SCHWARZ, 2000, p. 36.

<sup>9</sup> SCHWARZ, 2000, p. 37.

<sup>10</sup> HOLANDA, 2003, p. 31.

de nossa sociedade. Sobre uma das várias importações de idéias inadequadas ao meio brasileiro, Buarque de Holanda afirma:

a democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas.<sup>11</sup>

### 2.2.1. A importação do romance e seus reflexos no romance *Senhora*, de José de Alencar

O romance *Senhora*, de José de Alencar, publicado pela primeira vez em 1875, é um retrato da alta sociedade do Rio de Janeiro da época, padecendo das naturais limitações de perspectiva inerentes a toda representação. O autor pertencia, afinal, à oligarquia latifundiária escravocrata do Império e vivia em uma sociedade de urbanização limitada em que a burguesia, sendo constituída em grande parte pela elite agrária, ainda não havia adquirido a complexidade que possuía em outros países. Criticado por fazer imitação de modelos estrangeiros, como as obras de Balzac e Alexandre Dumas Filho, Alencar é considerado um dos criadores do romance nacional.

Podem-se encontrar, no romance *Senhora*, referências a esse tipo de importação inadequada de elementos estrangeiros, como no seguinte trecho, em que é feita uma descrição da câmara nupcial da protagonista:

Do outro lado, há uma lareira, não de fogo, que o dispensa nosso ameno clima fluminense, ainda na maior força do inverno. Essa chaminé de mármore cor-de-rosa é meramente pretexto para o cantinho de conversação, pois que não podemos chamá-lo como os franceses o *coin du feu*.<sup>12</sup>

Explicitando a influência dos costumes franceses nos brasileiros, Alencar torna evidente a questão da falta de identidade cultural brasileira e a conseqüente dependência em relação a outros países, esta última capaz de gerar feitos cômicos

<sup>11</sup> Idem, 2003, p. 158.

<sup>12</sup> ALENCAR, 1997, p. 90.

tais como uma lareira em que não se acende fogo. Pode-se fazer um paralelo entre a lareira instalada na casa de Aurélia e a democracia implantada no Brasil, que padecem do mesmo problema - a falta de raízes - e ilustram a importação de elementos estrangeiros sem consideração ou estudo de sua adequação ao ambiente local.

Nova referência à dependência cultural do Brasil em relação à Europa é feita no seguinte trecho, em que Alencar discorre sobre os pensamentos de D. Firmina, dama-de-companhia da protagonista, a respeito do comportamento ousado desta última aliado à passividade de seu marido:

Mas já habituada à inversão que têm sofrido nossos costumes com a invasão das modas estrangeiras, assentou a viúva que o último chique de Paris deveria ser esse de trocarmos os noivos o papel, ficando ao fraque o recato feminino, enquanto a saia alardeava o desplante do leão.<sup>13</sup>

Esta passagem explicita a fragilidade dos costumes e códigos de conduta brasileiros, que são retratados como totalmente dependentes dos da França. Os costumes que são aceitáveis por lá tornam-se automaticamente aceitáveis aqui, por mais contrários que sejam aos que se praticavam antes. Os seguintes trechos também explicitam a influência do estrangeiro em nossos hábitos alimentares e lingüísticos:

Frutas da estação: abacaxis, figos e laranjas seletas, rivalizando com as maçãs, pêras e uvas de importação, ornavam principalmente a refeição meridiana que os costumes estrangeiros substituíram à nossa merenda brasileira da tarde, usada pelos bons avós.<sup>14</sup>

As partidas de Aurélia, ou recepções, como as chamava o Alfredo Moreira, à parisiense, eram das mais brilhantes que então se davam na Corte.<sup>15</sup>

Através da leitura de *Senhora* sob um olhar crítico ante as referências do autor à importação de costumes - mesmo que inadequados ao nosso meio -, conclui-se ser

---

<sup>13</sup> ALENCAR, 1997, p. 150-151.

<sup>14</sup> Idem, p. 156.

<sup>15</sup> Idem, p. 220.

a França o modelo seguido pelo Brasil da época, tão dependente culturalmente quanto o de hoje. Observando a atualidade, percebe-se que o papel de modelo hoje é desempenhado majoritariamente pelos Estados Unidos. A maneira como se dá a absorção de costumes e ideais estrangeiros pelos brasileiros, porém, perdura, carecendo de maior crítica.

### 2.2.2. O personalismo em *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida

*Memórias de um Sargento de Milícias* foi publicado pela primeira vez na forma de folhetim, entre os anos de 1852 e 1853, de forma anônima. Comumente classificado como romance de costumes, conta a história de Leonardo, um travesso incorrigível na infância, preguiçoso na juventude e, na vida adulta, soldado indisciplinado sob o comando do Major Vidigal. Em vez dos salões aristocráticos e dos ambientes sofisticados percorridos em Senhora, a ação de *Memórias...* se passa nas ruas e casebres do Rio de Janeiro, sendo, assim, um retrato da vida da classe média baixa da época.

Constituída de uma intrincada rede de relacionamentos, intrigas e favores, a obra mostra que os bons feitos de Leonardo se dão não através de esforço próprio, e sim de intercessões favoráveis de parentes e pessoas que tinham pelo garoto grande apreço. Nesta obra, fica demonstrado o personalismo presente em nossa sociedade já naquela época.

Mais uma vez buscando no processo de colonização explicações para características da sociedade brasileira, Sérgio Buarque de Holanda afirma que a frouxidão das instituições e a falta de coesão social em nossa sociedade são heranças desse traço presente nas sociedades ibéricas, em que a ausência do princípio de hierarquia, aliada à exaltação do prestígio pessoal com relação ao privilégio de berço, resultava em uma nobreza aberta ao êxito individual, conforme afirma Antonio Candido no prefácio da vigésima sexta edição de *Raízes...*<sup>16</sup>. Ainda segundo Candido,

---

<sup>16</sup> CANDIDO, 2003, p. 17

formado nos quadros da estrutura familiar, o brasileiro recebeu o peso das 'relações de simpatia', que dificultam a incorporação normal a outros argumentos. Por isso, não acha agradáveis as relações impessoais, características do Estado, procurando reduzi-las ao padrão pessoal e afetivo.<sup>17</sup>

Assim, as intervenções como as presentes em *Memórias...* em favor de Leonardo e de outros personagens são retratadas como recorrentes e até mesmo estruturais na sociedade brasileira.

Ao colocar a cidade como “mero prolongamento” da grande propriedade rural, Sérgio Buarque de Holanda nos dá mais uma explicação para o personalismo reinante em nossa sociedade, afinal “nos domínios rurais, a autoridade do proprietário de terras não sofria réplica. (...) O engenho constituía um organismo completo e que, tanto quanto possível, se bastava assim mesmo.”<sup>18</sup> Além disso,

foi o moderno sistema industrial que, separando os empregadores e empregados nos processos de manufatura e diferenciando cada vez mais suas funções, suprimiu a atmosfera de intimidade que reinava entre uns e outros e estimulou os antagonismos de classe.<sup>19</sup>

Tendo apenas começado seu processo de industrialização à época da escrita do romance, a sociedade brasileira conservava, portanto, ainda mais fortes os ranços de personalismo que hoje ainda a caracterizam.

A oposição entre trabalhador e aventureiro também encontra terreno fértil em *Memórias...* Para Buarque de Holanda, o aventureiro é o tipo que possui “essa ânsia de prosperidade sem custo, de títulos honoríficos, de posições e riquezas fáceis, tão notoriamente característica da gente de nossa terra...”<sup>20</sup> Percebe-se claramente, em *Memórias...*, que Leonardo é do tipo aventureiro, desgarrado das regras de conduta e dos códigos morais que pregam ser o esforço a condição primeira para alcance do sucesso.

Leonardo, mesmo estando à mercê do acaso, mesmo avesso ao trabalho e ao esforço, mesmo dependente de favores e de intercessões, alcança o sucesso

---

<sup>17</sup> Idem, p. 17.

<sup>18</sup> HOLANDA, 2003, p. 80.

<sup>19</sup> Idem, p. 142.

<sup>20</sup> Idem, p. 43.



tanto sentimental (ao casar-se com Luisinha) quanto financeiro (transforma-se em recebedor de cinco heranças) e profissional (ao conseguir a promoção e a passagem para a reserva). Tendo em vista esses acontecimentos, *Memórias de um Sargento de Milícias* pode ser lido como uma afronta à moral burguesa e uma descrição fiel do personalismo sempre presente em nossa sociedade.

### 3. Conclusão

A breve análise de dois romances brasileiros do século XIX nos permitiu relacionar a literatura da época com algumas características presentes, ainda hoje, na sociedade brasileira. A convivência, ainda hoje, de valores e discursos modernos com práticas anti-modernas e as conseqüências desta incoerência para nossa sociedade continuam sendo tema de debates no meio acadêmico. A busca de explicações para as peculiaridades das sociedades latino-americanas no processo de colonização está presente tanto no pensamento de autores brasileiros como no de autores de outros países da América Latina.

A questão da experiência da modernidade na América Latina – e, por extensão, no Brasil – tem tido a visão hegemônica envolvendo a noção de atraso em relação a outras sociedades contestada através de argumentos envolvendo a especificidade do conhecimento histórico em relação à realidade européia. O discurso histórico constituído na Europa poderia, portanto, ter seu valor universal questionado – que é, aliás, o que vem ocorrendo com as grandes narrativas da modernidade e com os discursos vencedores ou dominantes. A proposta de uma temporalidade singular para a América Latina se encaixa, portanto, na agenda pós-moderna. Resta saber se o continente continuará perseguindo o ideal de modernidade estrangeiro, se saberá se integrar a ele sem perder sua identidade, ou se, por outro lado, procurará maneiras de encontrar sua própria temporalidade, ou seja, a modernidade a seu modo – sem complexos e sem a dependência (o que não implica a completa ausência da influência) de modelos estrangeiros.

## 4. Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Senhora*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.
- CANDIDO, Antonio. "Aparecimento da ficção". In: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Vol 2. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- \_\_\_\_\_. "O significado de raízes do Brasil". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- LÖWY, Michel (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.
- MEYER, Augusto. *Textos críticos*. São Paulo: Perspectiva; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.
- REUTER, Yves. *Introdução à Análise do Romance*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROUQUIÉ, Alain. *O Extremo-Occidente: introdução à América Latina*. São Paulo: Edusp, 1992.
- SCHWARZ, Roberto. "A importação do romance e suas contribuições em Alencar". In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.